



MUSEU DE ARTE
CONTEMPORÂNEA
DO PARANÁ

ENQUANTO TUDO QUE FUMA

GUIA PARA EDUCADORES





Índice

Conheça o MAC Paraná.....	04
Como utilizar este material.....	05
Texto curatorial.....	06
Artistas MAC no MON.....	08
Questão I.....	28
Atividade.....	28
Questão II.....	31
Atividade.....	31
Questão III.....	33
Atividade.....	33
Artistas da Sala Adalice Araújo.....	36
Questão IV.....	46
Atividade.....	46
Ocupe o MAC.....	48



Conheça o MAC Paraná

O Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC Paraná) foi fundado em 1970 com a finalidade de estimular e divulgar a criação artística contemporânea, além de abrigar e preservar um acervo de arte com cerca de 1.800 obras pertencente ao Estado. Desde então, realiza mostras do acervo e exposições individuais e coletivas de artistas contemporâneos.

Sua sede própria, um prédio de estilo eclético construído em 1928 e tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, está passando por obras de restauro e reforma. Durante este período, o MAC Paraná está funcionando nas dependências do Museu Oscar Niemeyer (MON).

Exposições e eventos do MAC Paraná ocorrem nas salas 8 e 9 do MON. O Setor de Documentação e Pesquisa, aberto para atendimento ao pesquisador de arte, está funcionando na sala 10, no subsolo.

Como utilizar este material

O material que disponibilizamos aqui tem o objetivo de ajudar você, educador, a realizar um trabalho completo com sua turma sobre a visita ao museu.

Aqui estão reunidas informações sobre a exposição “Enquanto tudo queima”, algumas sugestões de como introduzir sua turma à experiência e ainda alguns caminhos para retomar na sala de aula temas e discussões trabalhados durante a visita mediada, estimulando também a ação criativa da turma.

Neste material não determinamos uma faixa etária para a aplicação das questões disparadoras e das atividades – cabe ao professor traduzir as reflexões propostas aqui à dinâmica própria de cada turma, seja por meio da adaptação da linguagem ou do assunto, da escolha de materiais ou de conexões com matérias e conteúdos trabalhados anteriormente.

Desse modo, as atividades podem ser realizadas individual ou coletivamente, e a elas podem ser acrescentadas outras ideias que estejam alinhadas ao trabalho pedagógico desenvolvido por cada um. Fique livre para fazer um remix deste material!

Enquanto Tudo Queima

Enquanto a casa queima pode-se dizer a verdade sem a probabilidade de ser escutado.

No dia 08 de outubro de 2021 o Brasil atingiu 600 mil mortos por Covid-19. Uma tragédia anunciada, que veio junto com uma forte estiagem, combinada com queimadas, com a notícia de que nossa ação danosa ao planeta já é irreversível; uma crise política e sanitária. O aumento do desemprego e a entrada do Brasil no mapa da fome novamente. Índices preocupantes que nos tomam de imediato os sentidos e nos apontam uma série de consequências diante da realidade vivenciada no território brasileiro hoje.

Há quase dois anos, a palavra normal deixou de ser adjetivo para se tornar desejo. Em qual contexto o normal é possível? Nossas relações sociais foram adaptadas ao ambiente virtual. Nosso contato com a arte esteve totalmente mediado por telas de celulares e computadores. Diante de tantas incertezas, algumas perguntas fundamentais parecem emergir neste momento de lacunas. Como retomar todos os projetos interrompidos? E honrar todas as vidas que se foram? E o impacto ambiental do uso de celulares advindos da exploração e do extrativismo dos recursos naturais? E horas expostas a tantos equipamentos eletrônicos? Como aceitar que a destruição ambiental não tem mais retorno? Como seguir acreditando em um mundo com tais condições, sem cairmos em fantasias ou em alienações individuais ou mesmo coletivas? Como seguir?

A ciência tem chamado essa intervenção humana de Antropoceno. E Ailton Krenak nos lembra que “o antropoceno tem um sentido incisivo sobre a nossa existência, a nossa experiência comum, a ideia do que é humano. O nosso apego a uma ideia fixa de paisagem da Terra e de humanidade é a marca mais profunda do Antropoceno”. Talvez a nossa ideia de mundo que separa a humanidade da natureza – como se a gente não fosse natureza –, tenha nos trazido até aqui. E desde quando estamos apegados a essa ideia fixa? O artista Hélio Leites nos dá uma pista em sua obra intitulada “Colombo – 500 anos de enganos”. Para responder a pergunta de Agamben “desde quando a casa queima?”, colocamos o ano de 1492, a chegada dos europeus às Américas, como um ponto de inflexão. O exato momento em que se começa a botar fogo mundo adentro.

O que essas questões têm em comum com esta exposição? O fato é que a arte tem se posto no centro da disputa simbólica no país. Seja para reescrever a história, seja para construí-la, artistas parecem retomar com veemência o caráter político da linguagem poética. Tendo esse fato como premissa, buscamos no acervo do MAC Paraná artistas que tragam caminhos e provocações possíveis. Somam-se às vozes do acervo artistas convidadas que potencializam o debate e que nos ajudam a esboçar ensaios que nos direcionam à luz de respostas para as perguntas que parecem ser atemporais, diante do fogo que queima a nossa casa, há tantos séculos.

Krenak nos alerta, ainda, sobre o medo que temos das irreversibilidades e do que as interferências ecológicas têm nos apontado desde muito tempo. O medo de cair num abismo é ser um obstáculo para o movimento necessário que precisamos fazer. Porque o medo de cair parece ser a sombra que nos separa do abismo já anunciado, quando na verdade já estamos dentro dele, apenas não enxergamos a recorrência dos fatos que nos levaram à queda. Em consonância, Agamben enfatiza que “o primeiro recurso do poder é nos separar de nosso passado”, entretanto, não há novidades históricas para o que temos testemunhado no momento presente, tampouco uma amnésia coletiva. Ainda, nesse sentido, Agamben formula que “Uma cultura que se sente no fim, já sem vida, procura governar como pode sua ruína por meio de um estado de exceção permanente”. Este é o estado em que nos encontramos hoje? Apenas seguimos adiante, apesar de?

Não podemos assumir aqui a responsabilidade de respostas tão complexas, mas propomos indagações diante do que se apresenta à nossa frente. Talvez uma ação alternativa ante a apatia e inércia perante os fatos.

Esta curadoria se lança a pensar sobre esse momento ainda que sem um horizonte ou uma luz ao fim. Tendo a exposição como um espaço de construção narrativa e de potência educativa, usamos a metáfora do fogo para pensar este momento, que há queimadas reais e simbólicas, e a chegada a um ponto de não retorno, de eclosão de todas as questões que não vemos senão pela realização da queima.

Ainda assim, de que maneira isso ainda lhe diz respeito?

O que queima diariamente, a nossa história e nossos corpos, não é restituível.

Ana Rocha e Ué Prazeres

Curadoras

Outubro de 2021

Artistas MAC no MON

Alice Yamamura

Paranavaí, PR, 1954 – Curitiba, PR, 2008



Relevo, 2002

Máscaras de gesso e fotografias

Sobre seu trabalho:

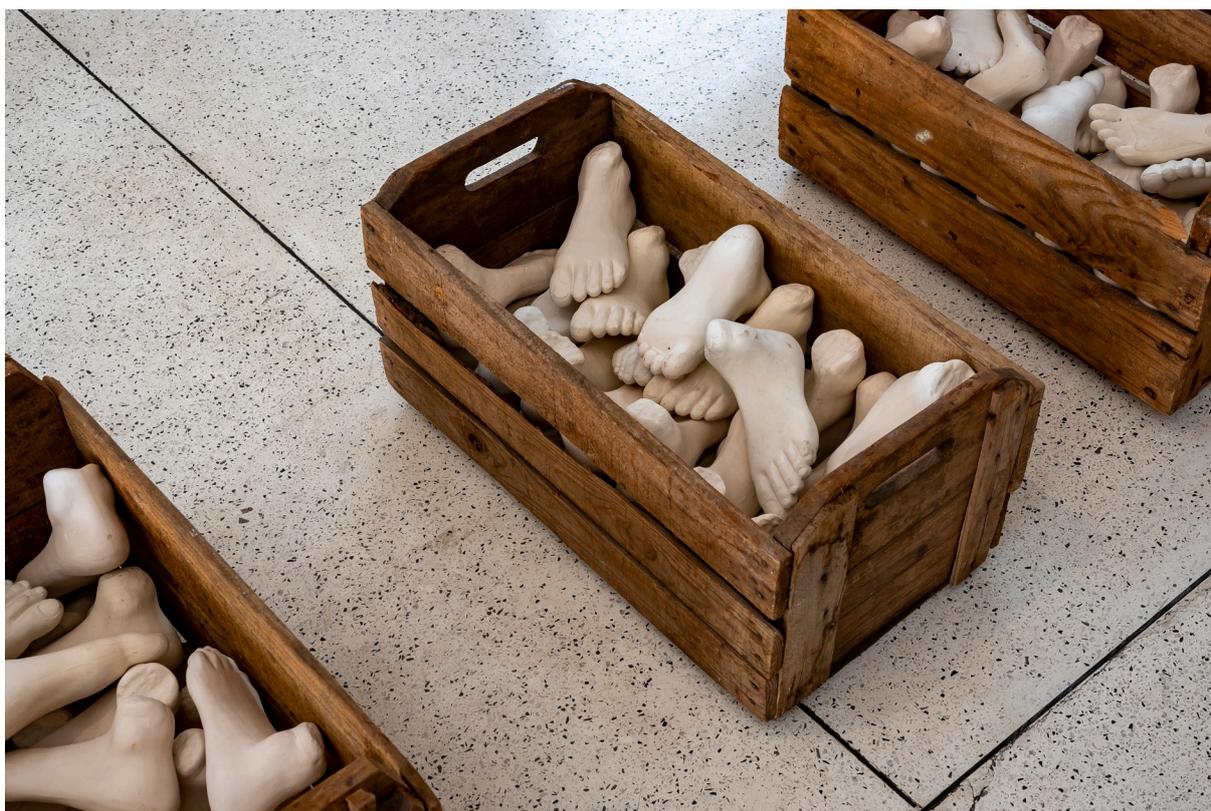
“Neste trabalho, de 2002, Alice fez moldes em gesso de muitas pessoas e os mostrou junto a uma fotografia 3x4, enfileirados na parede. O molde fixa superfícies: é um volume, mas é também uma casca. Diante da obra, sentimos certo silêncio, dado pelo branco, pelos olhos fechados, pela seriedade. Características que também são próprias da foto de documentos, um tipo de registro, por sinal, que parece estar aí desde sempre. Por outro lado, o trabalho é também a reunião de muita gente. Muitas pessoas que participaram da residência. Alice tinha o dom de agregar pessoas – como professora, em oficinas, em rituais de queima raku. Com efeito, a simbologia da convivência é parte de sua obra”.

Gerson Carvalho. Presença de Alice: trajetória artística de Alice Yamamura na escultura e na cerâmica utilitária / Gerson Carvalho; texto de Daniela Vicentini. Curitiba, PR: Cultural Office, 2016. Documento pertencente ao Setor de Pesquisa e Documentação do MAC Paraná.

Maria Cheung

Hong Kong, China, 1957

Vive e trabalha em Foz do Iguaçu, PR

**Nui Jen, 1997**

Instalação com cerâmica

Sobre seu trabalho:

“Esse trabalho faz parte da série ‘NUI’, que fala do doloroso universo feminino chinês, motivado pela postura dominadora masculina do século XIX, que obrigava as mulheres a enfaixarem os pés para não crescerem mais que oito centímetros de comprimento, com a desculpa de que assim ficariam mais femininas e sensuais – mas o verdadeiro sentido era tirar a autonomia de seus passos. Eu modelei observando os meus próprios pés para falar das mulheres chinesas, e dessa forma falo da minha própria condição na busca pela conquista do meu próprio espaço, como mulher e como artista”. Maria Cheung, 2021.

Didonet Thomaz

Bento Gonçalves, RS, 1950

Vive e trabalha em Curitiba, PR

**Croquis para prováveis pinturas, 2002**

Caixa de mogno com tampo de vidro e pedaço de pelica, nanquim, caneta, lápis de cor, giz pastel, tesoura cirúrgica, lentes e croquis

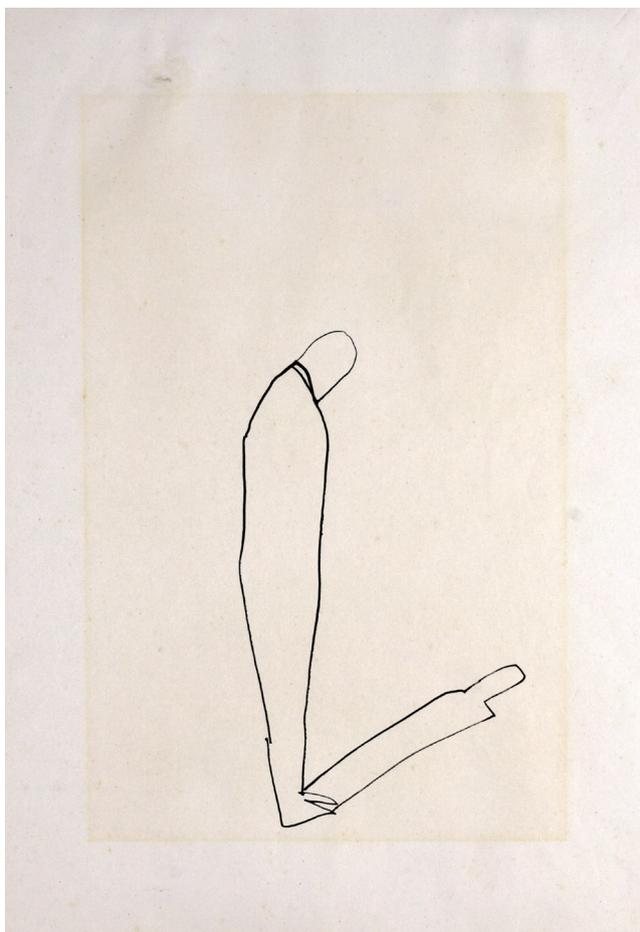
Sobre seu trabalho:

“Didonet desenhou, como projetos arquitetônicos, todo o chalé – em que ficou hospedada durante a residência artística Faxinal das Artes, em 2002 – como um processo imaginativo de desmonte da construção onde se hospedou. ‘Eu resolvi pensar numa desmontagem em algo imaginário e comecei a tirar as medidas do meu chalé. Tirei as medidas e havia alguns acabamentos ali, então fiquei tirando aquelas medidas e comecei a pensar nos croquis, o que ia para o papel ali. É uma caixa de memórias, e olhando assim há trechos em que é possível ler. E acho que acredito nisso, quase que uma certeza, que é difícil reconstituir o passado. Então eu não colaborei com isso. Eu desestruturei mais ainda o passado. Coloquei meus apetrechos de trabalho. A lupa que eu tinha levado. Levei tudo. Então eu acumulei os mapas, enrolei pedacinhos de couro e deixei a ideia da coisa. Peguei tudo o que era meu e botei na caixa. Mande fazer uma caixa especial. Fui montando e fui montando”.

Trecho de entrevista transcrita. Documento pertencente ao Setor de Pesquisa e Documentação MAC Paraná.

Raul Cruz

Curitiba, PR, 1957 – 1993



Sem título, 1988-89

Nanquim (bico de pena) sobre papel

Sobre seu trabalho:

“Trata-se da produção de um desenho sintético e amadurecido que mantém lado a lado a potente afirmação do desejo, certa ironia e a presença de um mundo sempre ameaçador. O artista trabalha a dramaticidade da figuração e a inteligência visual do espaço, não permitindo que a figura habite passivamente e sem complexidade o ‘fundo’ retangular. Nessa série, o risco que indica uma figura recorta e reafirma o branco do papel. Com agilidade, a superfície abre-se para novos espaços, capazes de se desdobrarem flutuantes no repente do desejo e da comunicação. O gesto gráfico que sulcava a cor em muitas de suas pinturas e criava tensão e drama em suas linoleogravuras, agora se explica em toda sua argúcia nos desenhos a nanquim”.

Eliane Prolik, Geraldo Leão e Paulo Reis. Catálogo Raul Cruz – Desenhos. Museu de Arte Contemporânea do Paraná, 2006. Documento pertencente ao Setor de Pesquisa e Documentação MAC Paraná.

Iolanda Gollo Mazzotti

Caxias do Sul, RS, 1952

Vive e trabalha em Caxias do Sul, RS

**Pausa, 1992**

Borracha, tapete, pregos, tecido, metal, madeira e ferro

Sobre seu trabalho:

“A obra integra a série ‘Coisas’, primeira mostra individual da artista, que ocorreu em 1992. Segundo ela, o manusear das coisas que já existem propicia uma troca e oferece novas situações. Não são esculturas nem pinturas, mas sim peças que refletem a proximidade com a arte conceitual. Iolanda guia-se então pela atração que esses elementos, plenos de vivência, impõem-lhe. ‘Minha pulsão é transcender, dando um novo sentido às coisas.’ Como ela mesma diz, não são peças para se contemplar; são corpos ativos, que procuram uma reação do espectador: ‘Todas as coisas, nada é desprezível, tudo tem uma nova forma de ser vista. Minha busca é a do trabalho e do repouso, não o repouso físico, mas o repouso da plenitude do fazer, um repouso espiritual gerado pelo trabalho, um repouso não mudo, mas ativo, pronto a gerar novas causas’. Os objetos que compõem o trabalho ‘Pausa’ retratam o desenvolvimento de uma revolução interior, que não se limita em espaço e tempo”.

Antônio Ricardo Heinen. “A arte de reinventar a vida”. Jornal Pioneiro, Sete dias, 1992.

Documento pertencente ao Setor de Pesquisa e Documentação MAC Paraná.

Folha de Hoje. “O merecido prêmio de Iolanda – artista caxiense é premiada no Salão Paranaense. 1992.

Documento pertencente ao Setor de Pesquisa e Documentação MAC Paraná.

Milla Jung

Curitiba, PR, 1974

Vive e trabalha em Curitiba, PR



Projeto para constituição de imagem (oceânico) VI, 2008

Instalação com fotografia e duas cadeiras

Sobre seu trabalho:

“Na exposição ‘Deserto do real’ – da qual esse trabalho fez parte – seis instalações apresentavam questões sobre a fotografia como uma trama do irrealizável. Assim, a fotografia, além de ser um dos suportes da proposição, é principalmente seu assunto. Com o propósito de refletir sobre a dimensão utópica das imagens na sociedade contemporânea, o trabalho articula-se a partir da deslocalização espacial do espectador e da imagem-artifício como efeito de superfície. Atrás do ‘Projeto para constituição de imagem VI’, está impresso o trecho de ‘Esperando Godot’, de Samuel Beckett: ‘Lembro dos mapas da Terra Santa. Coloridos. Bem bonitos. O Mar Morto de um azul bem claro. Dava sede só de olhar. É para lá que vamos, eu dizia, é para lá que vamos na lua de mel. E como nadaremos. E como seremos felizes’. Imagens e procedimentos que suspendem o véu do olhar e fundam, na dúvida que colocam sobre o lugar da cultura hoje, uma dimensão utópica. Dimensão utópica no sentido em que geram novas formas de se relacionar com o já naturalizado, permitindo assim produzir descontinuidade e criar outros sentidos”.

Milla Jung. Anotações sobre a fotografia contemporânea como reflexão crítica no campo da arte. Publicação XII Prêmio Marc Ferrez de Fotografia da Funarte – 2012. Disponível em: https://issuu.com/millajung/docs/livro_fotografia_contemporanea. Acesso em: 10 de novembro de 2021.

Jussara Age

Curitiba, PR, 1953

Vive e trabalha em Curitiba, PR

**Memoire, 1997**

Ferro e litografia

Sobre seu trabalho:

“Tanto no trabalho de gravura, onde ela inaugurou sua criação artística, como nas obras pictóricas, que ainda mantêm o sulco como essência de sua expressão, sua matéria-prima é consistentemente o vasto cardápio de estados, de emoções que alimentam sua própria vida humana. Como testemunha a artista, fazer arte é ‘individualizar a forma e a cor, é decodificar o sentimento e materializar a dúvida, é experienciar a si mesma’”.

Katia Canton. Catálogo da exposição “Jussara Age”. Galeria Noris – espaço de arte, 2003-2004. Documento pertencente ao Setor de Pesquisa e Documentação MAC Paraná.

Hélio Leites

Lapa, PR, 1951

Vive e trabalha em Curitiba, PR

**Colombo – 500 anos de enganos, 1994**

Caixa de madeira contendo objetos, vidro e tinta

Sobre seu trabalho:

“Cristóvão Colombo, retornando da América, aceitou o convite para um jantar do cardeal Mendoza, que lhe era muito caro. Um nobre espanhol, hostil a Colombo, durante o jantar, querendo diminuir sua reputação, disse que sua descoberta não era assim ‘tão extraordinária’.

Colombo contestou ao seu detrator propondo a ele que colocasse um ovo em pé. O nobre fez inúmeras tentativas, mas em vão. Colombo então, batendo na mesa uma das extremidades do ovo, previamente cozido, o colocou em pé. ‘Ah! Assim eu também consigo’, argumentou o nobre. Colombo retrucou: ‘Depois que o primeiro resolve o problema, ele se torna fácil de resolver’.

‘Colombo 500 Anos de Enganos’ remete a uma reflexão da conquista de Cristóvão, utilizando um ovo de costurar meias, mostrando através de uma humilde escadinha. ‘Que o Sonho Inventa o Caminho’. É só olharmos através de algumas janelas de nosso conturbado cotidiano o verdadeiro desastre que foi a invasão da América, em especial para as populações originárias”. Hélio Leites, 2021.

Marcelo Gobatto

Porto Alegre, RS, 1967

Vive e trabalha em Rio Grande, RS

**No tempo: impossibilidade, 2002**

Vídeo em fita VHS – 60'48"

Sobre seu trabalho:

“Em 2002, estava realizando pesquisa de mestrado no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e havia realizado a videoinstalação ‘Cronovideografias – variações do movimento’, obra que deu título à minha dissertação e que foi realizada a partir de fotografias (em sequência) de Edward Muybridge e com referências às ‘Cronofotografias’ de Étienne Jules Marey. Essa pesquisa tem referências no conto ‘Jardim dos caminhos que se bifurcam’, de Jorge Luis Borges e na filosofia de Leibniz (as compossibilidades). A ação para a câmera e o uso de calça jeans e camisa branca são modos que começo a usar a partir de ‘No tempo’ e se repetem em diversos outros trabalhos. Há uma narrativa marcada pela sobreposição dos movimentos e dos gestos do corpo, criando uma expressividade em que o tempo se inscreve no espaço da projeção ou das telas (um quase-grafismo). Mas ‘No tempo’ trata também dessa imersão em um tempo sem direção, sem início ou fim: um gesto cotidiano – o subir e descer escadas – se repete e nos convida a uma atitude de desprendimentos”. Marcelo Gobatto, 2021.

Alfi Vivern

Buenos Aires, Argentina, 1948

Vive e trabalha em Campo Magro, PR



Sem título, 2002

Grade de ferro e basalto

Sobre seu trabalho:

“Sobre sua experiência em Faxinal das Artes, Alfi Vivern declarou que escolheu trabalhar com marcenaria, perto do lago e com materiais que tinha ali disponíveis. No jardim do local, encontrou uma sacada. Invertendo-a, adicionou as pedras do Rio Iguaçu, que passa por ali, como se fosse uma esteira de produção, mas com produtos da natureza. O artista passou dias na marcenaria observando a obra enquanto mudava os elementos de posição, até que encontrou uma definitiva, pela qual a parte baixa da sacada saía diretamente da terra. Segundo Alfi, quando se rasga uma pedra, sai um aroma de mistério e de magia, uma vez que se está rasgando milhões de anos”.

Alfi Vivern. Entrevista concedida a Ariane Azambuja e Fernanda Micoski da Costa. Transcrição: Melise Vidal Gouveia. Campo Magro, Paraná, 2013. Documento pertencente ao Setor de Pesquisa e Documentação MAC Paraná.

Marcelo Scalzo

Curitiba, PR, 1970

Vive e trabalha em Curitiba, PR

**Intenção suspensiva, 1998**

Madeiras, imãs, agulhas e fios de linha

Sobre seu trabalho:

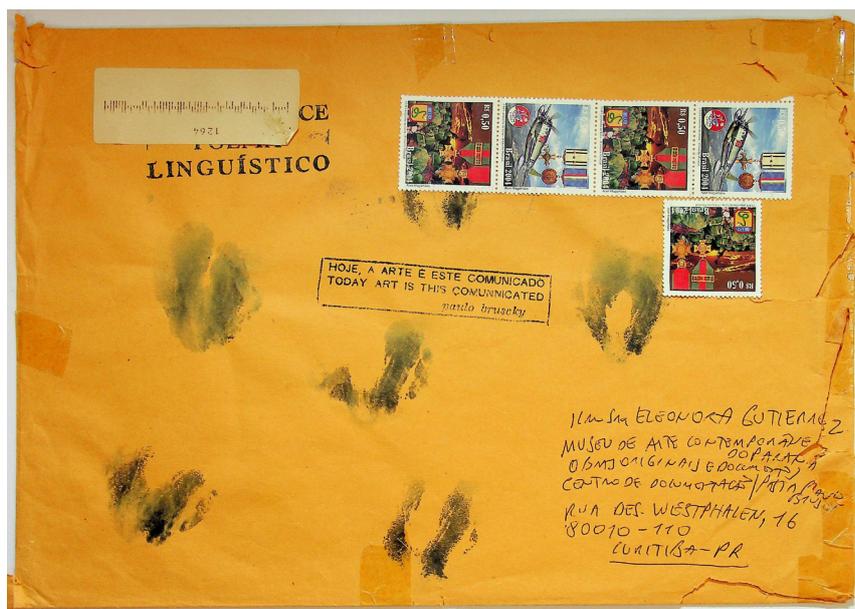
“No meu trabalho com agulha, o que me interessava era a união magnética onde os dois objetos não se encostariam. A partir daquele dado, que não era a matéria, não era a agulha e nem o imã, mas o magnetismo, surgiu todo o trabalho”.

Marcelo Scalzo. in: Catálogo Bojo. Zugman, David; Pires, Marcelo; Scalzo, Marcelo. 2002.
Documento pertencente ao Setor de Pesquisa e Documentação MAC Paraná.

Paulo Bruscky

Recife, PE, 1949

Vive e trabalha em Recife, PE



**Performance-poema linguístico, 2005**

Arte correio

Poema para voar, 2005

Arte correio

Poema para voar, 2005

Arte correio

Sobre seu trabalho:

“Paulo Bruscky é pioneiro da arte postal no Brasil desde os primeiros anos da década de 1970. Isso significa que reafirma em sua poética o primado da circulação sobre a forma, da rede sobre o artista isolado, do alternativo sobre o instituído, das margens sobre o centro. Não por acaso, é relevante o lugar da América Latina e dos países do Leste Europeu nesse circuito aberto, sobretudo nesse momento. Os cartões postais, os carimbos e todos os meios de reprodução disponíveis são abarcados nessa rede onde circulam fotografias, registros de ações e performances, poesias visuais e diversos outros projetos”.

Cristina Freire. Paulo Bruscky: arte, arquivo e utopia. São Paulo: 2006. Documento pertencente ao Setor de Pesquisa e Documentação do MAC Paraná.

Francisco Mallmann

Curitiba, PR, 1993

Vive e trabalha em Curitiba, PR

**A memória é uma ação política, 2019**

Bordado em tecido – instalação

Sueña fuerte, 2021

Bordado em tecido – instalação

A palavra é um gesto outro coletivo, 2019

Bordado em tecido – instalação

Sobre seu trabalho:

“As bandeiras ‘sueña fuerte’, ‘a memória é uma ação política’, ‘a palavra é um gesto coletivo’ partem de uma investigação que toma a escrita enquanto materialidade performativa. As formulações, expostas em espaços coletivos e públicos, surgem como convites para o tencionamento das noções de registro, memória e dos processos existentes na criação de narrativas – individuais e coletivas.

Ao interseccionar sonho, ação e gesto, as obras se abrem para a ideia de prática: exercícios constantes e circunstanciais do que a atividade da escrita pode ser, seus modos de feitura, compreensão e publicação. O próprio sentido de ‘bandeira’ é também questionado, afastando-se das relações com Estados ou fronteiras geopolíticas – mas propondo atravessamentos a partir delas, sugerindo invenções que se dão em movimento e não em fixação. Sonho, política, memória, gestos e coletividades são aqui experiências indissociáveis em comunidades reais e imaginadas”. Francisco Mallmann, 2021.

Emanoel Monteiro

Londrina, PR, 1988

Vive e trabalha em Curitiba, PR

**Ponte caída: arrendamento, 2021**

Aquarela, grafite e ponta seca sobre papel

Sobre seu trabalho:

“Desenhar é para mim um modo de ser e estar no mundo, um modo de tomar consciência da condição de nossa existência temporal. As inscrições geradas apontam para a existência daquele que realizou o gesto de desenhar e de algum modo em suas qualidades, guardam – no sentido de manutenção – intenções e situações específicas desses instantes ocorridos. Designam também aquilo a que nos referimos. Aquilo que se encontra na mira do nosso olhar e do nosso desejo é transformado neste espaço criado do desenho, por meio desta sucessão de tempos, gestos e inscrições, resultando no acúmulo da matéria, formado por sobreposições e subtrações de camadas materiais e temporais de variadas densidades. Desenhar é demorar-se no presente. É lidar com variações e reverberações de um presente conferindo-o densidade. É lidar com o tempo. Em ‘Ponte caída: arrendamento’ as formas são instáveis. O desenho é uma arena, uma estrutura espacializante onde a substância das coisas não se contém nos limites dados. Este mundo já em ruínas que se ergue em estruturas rígidas (nas imagens, em sua conformação material) aponta sempre para o lugar do seu surgimento e retorno: a terra, a água”.

Emanuel Monteiro, 2021.

Seumboy Vrainom:€

Luth, França, 1992

Vive e trabalha na França.



Manono, telas para estetizar a miséria, 2019

Montagem de vídeo realizada sobre After Effects a partir de vídeos do YouTube, máscara colorimétrica, pintura digital. 288 Mo.

Sobre seu trabalho:

“Mistura kitsch e trash de imagens promocionais para smartphones e reportagens miserabilistas sobre as condições de extração de seus componentes, Manono faz, por meio de seu título, referência ao local de exploração de lítio, descoberto recentemente na República Democrática do Congo. Apontando a semelhança estética entre duas categorias de imagens, uma, feita para promover; a outra, para denunciar, Seumboy Vrainom:€ questiona nossa relação ambivalente com as telas, tendo por fundo a crítica da história colonial”.

Herbert Rolim

Parnaíba, PI, 1958

Vive e trabalha em Fortaleza, CE.

**Obituário, 2002**

Caixa em metal contendo rolos de papel

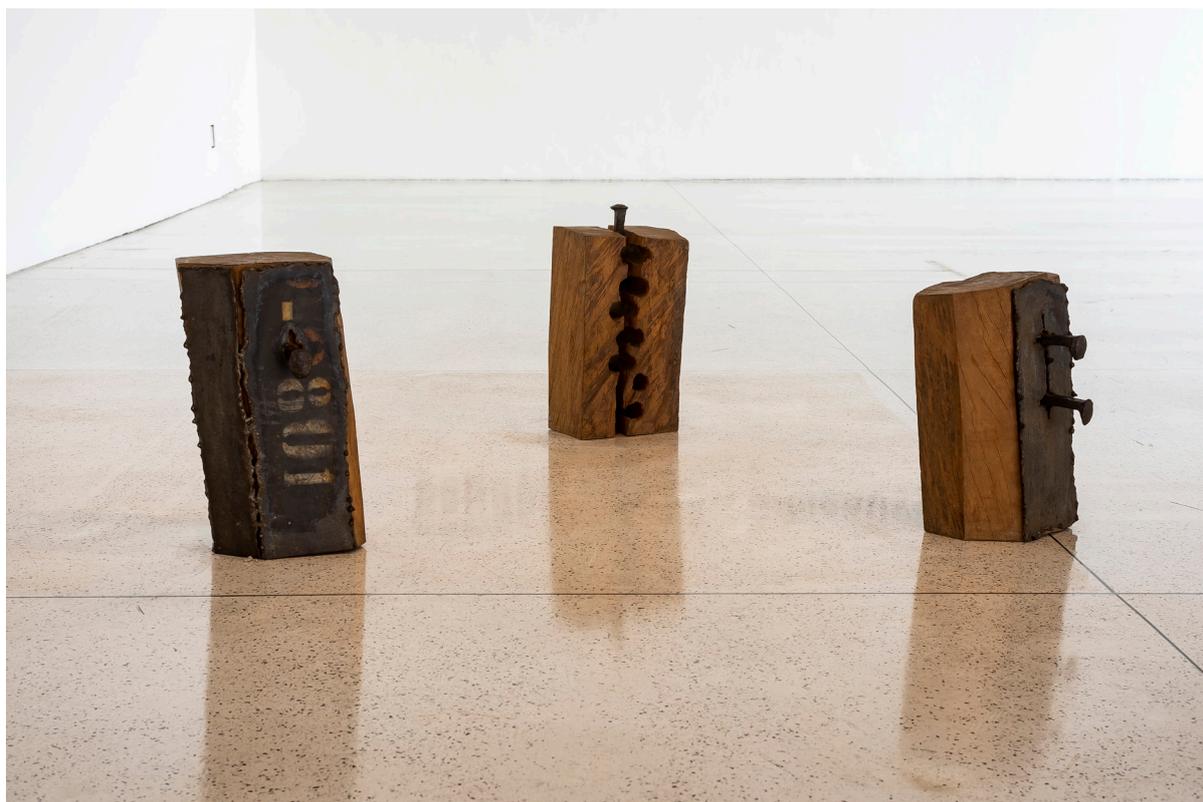
Sobre seu trabalho:

“Encontro na natureza dos objetos o silêncio das coisas, tanto do que esses podem revelar abertamente como daquilo que não conseguem dizer ou que é segredo, mistério ou imponderabilidade. É nesse campo volátil, entre a forma existente, de fisicalidade própria, e o obtuso que lhe dá sentido poético, que se dá a conjunção da forma objetual, seu significante, com as lembranças e a produção de significados. A partir de uma organização estética, a que o tempo se encarregou de engendrar, essas formas/objetos habitam corpo e memória, homem e natureza, deixam de ser objetos e passam a ser coisas. ‘Obituário’ é objeto/máquina, cuja arquitetura objetual, formada por uma carcaça de geladeira e alça de caixão, tem a função de expedir três mil atestados de óbito de crianças recém-nascidas, quando ativado pelo leitor. Insegurança, violência, omissão, desigualdade, perda... São alguns dos temas possíveis”. Herbert Rolim, 2021.

Elvo Benito Damo

Caçador, SC, 1948

Vive e trabalha em Curitiba, PR.



Intervenção ecológica IV, 1981

Madeira e ferro

Intervenção ecológica V, 1981

Madeira e ferro

Intervenção ecológica VI, 1981

Madeira e ferro

Sobre seu trabalho:

“Essa série ‘Interferência’ faz parte do meu fazer artístico desde 1977, quando da primeira exposição de arte sobre ecologia, que aconteceu no Centro de Criatividade de Curitiba. As obras ‘Interferência ecológica IV, V e VI’, com forte apelo minimalista, foram premiadas na V Exposição Internacional da Pequena Escultura em Budapeste, 1981, como representação brasileira”. Elvo Benito Damo, 2021.

Jacques Perconte

Grenoble, França, 1974

Vive e trabalha na França.

**O fazedor de tempestades, 2020**

Filme infinito (obra generativa)

Compressões dançantes de dados de vídeo editadas em tempo real

Sobre seu trabalho:

“O fazedor de tempestades’ (Le Tempestaire) é uma interpretação digital das imagens meteorológicas do filme ‘Le Tempestaire’ (1974) de Jean Epstein. Após ter filmado uma tempestade em Cap Fagnet, em Fécamp, na Normandia, Jacques Perconte utiliza turbulências atmosféricas que produzem ondas e sacodem a câmera, fazendo explodir a picturalidade das imagens da natureza. A cada seis horas aproximadamente, segundo um ritmo semelhante ao das marés, a obra ‘generativa’ é relançada e recomeça a escrever uma história. Tanto de tempestades quanto de marés”.

Isabelle Catucci

Cornélio Procópio, PR, 1986

Vive e trabalha em Curitiba, PR.

**Terras arrasadas, 2019**

Instalação

Sobre seu trabalho:

“A instalação em cerâmica e carvão ‘Terras arrasadas’ (2019) é um ensaio sobre o modo como ocupamos e mensuramos o espaço e o habitat. A consciência espacial distanciada apresentada pelos globos, mergulhada em um espaço escuro horizontal remete-nos à noção de cosmicidade e, simultaneamente, recorda-nos de nossa dependência da Terra. Na contramão dos ecolhares extraímos continuamente da superfície terrestre a energia disponível e chegamos a calcular o ‘gasto’ dos recursos naturais não renováveis. Na entropia dos sistemas, mesmo conscientes da finitude dos recursos, continuamos a contar os anos em que a Terra nos suportará, quanto tempo poderemos permanecer neste território antes de sua modificação irreversível, ou ainda, calculamos quantas Terras precisaríamos para continuarmos no ritmo de consumo atual. De acordo com as projeções prevemos o absurdo de uma Terra que não poderá ser habitada, e em seguida, as estranhas fugas e buscas por algum outro planeta para morar. Nesse universo de possibilidades, a cada avanço de terra arrasada, de sertões e de áreas alagadas produzidas pela ação humana, indago-me a respeito dos cálculos e retomo a reflexão sobre o espaço a partir de outras perguntas, questionando-me sobre quantas são as terras que nós temos, depois, quantas dessas terras ainda nos têm, e, por fim, de quais Terras dispomos?” Isabelle Catucci, 2021.

Atividades

Questão I

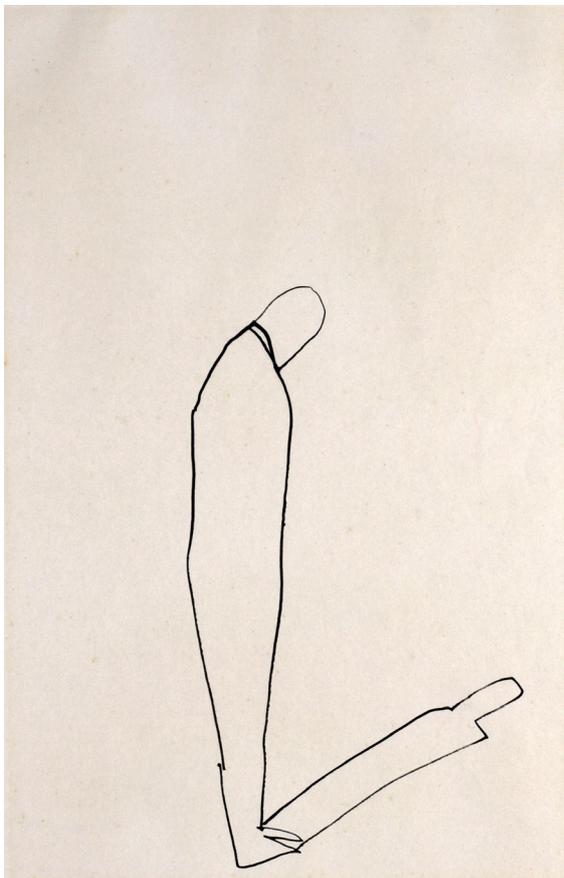
Como retomar todos os projetos interrompidos?

O que foi interrompido?

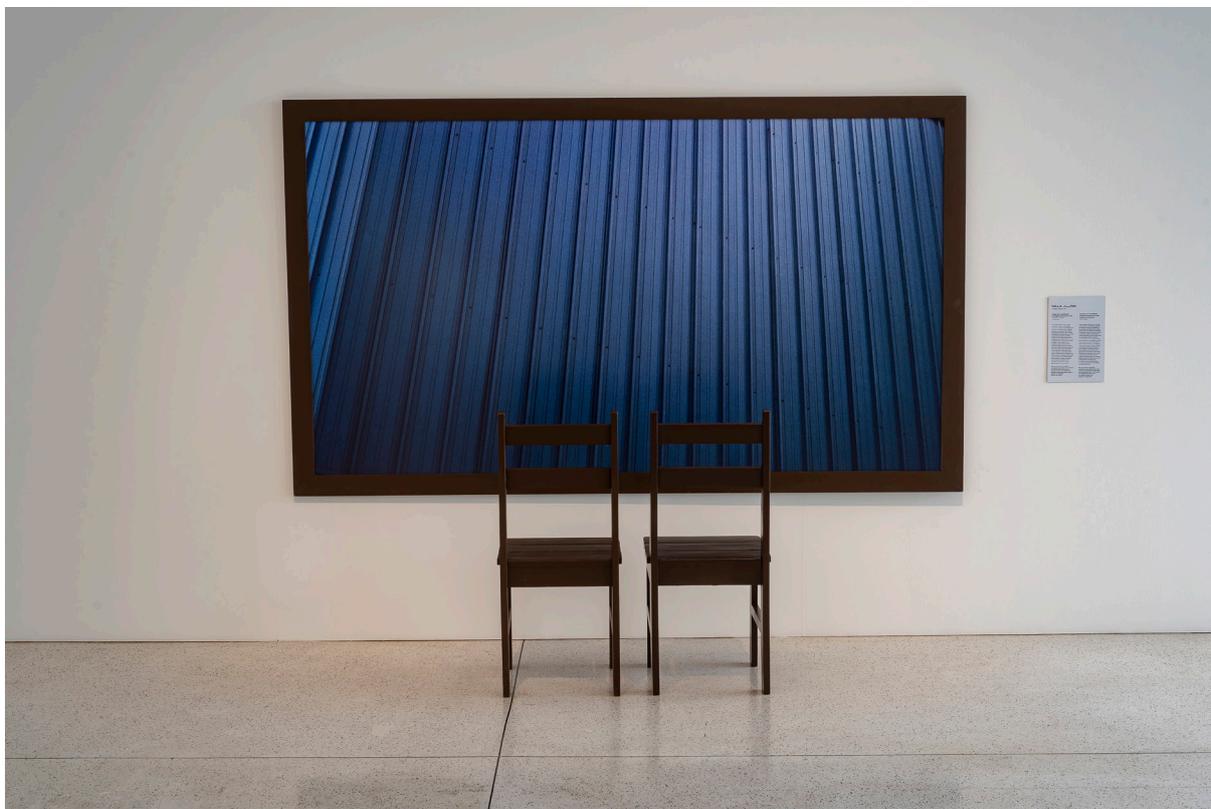
O que se observou durante uma interrupção que se prolongou por um tempo maior do que o esperado?

Atividade

O desenho em nanquim de Raul Cruz, uma das obras que abre a exposição “Enquanto tudo queima”, mostra uma figura solitária que, olhando para baixo, parece observar a própria sombra. Uma imagem que nos relembra o isolamento e o enfrentamento da pandemia. O “Projeto para constituição de imagem (oceânico) VI”, de Milla Jung, instalação que se constrói com a fotografia como suporte e assunto, e que reflete sobre a dimensão utópica das imagens na sociedade contemporânea, parece convidar o espectador a se imaginar ocupando uma das duas cadeiras de frente a fotografia, observando de perto as linhas azuis que se repetem.



(Raul Cruz, “Sem título”, Nanquim (bico de pena) sobre papel, 1988-89)



(Milla Jung, "Projeto para constituição de imagem (oceânico) VI",
Instalação com fotografia e duas cadeiras, 2008)

Atrelando esses dois trabalhos, podemos pensar na observação, de si e do que se coloca à frente, e em imagens recorrentes, fatores que se colocaram no cotidiano do isolamento. Proponha esse debate aos alunos e, a partir dele, que pensem nas imagens recorrentes que os acompanharam durante o isolamento, como, por exemplo, a tela do computador ou a parede do quarto.

"Todas as coisas, nada é desprezível, tudo tem uma nova forma de ser vista", declara a artista Iolanda Mazotti. Em seu trabalho "Pausa", ela cria uma peça que não é nem escultura nem pintura, mas um corpo ativo que é composto de elementos plenos de vivência, como borracha, tapete, pregos, tecido, metal, madeira e ferro. Em outras palavras, trabalha com aqueles materiais que lhe estão disponíveis. "Pausa" reflete justamente um movimento ou um trabalho em pausa, uma ideia de "repouso não mudo, mas ativo, pronto a gerar novas causas". Tais ideias se aproximam da vivência do isolamento.



(Iolanda Gollo Mazzotti, "Pausa, Borracha", tapete, pregos, tecido, metal, madeira e ferro, 1992)

A partir do questionamento que gira em torno da interrupção dos projetos causada pela pandemia, proponha aos estudantes que reflitam sobre as relações que se podem enxergar entre as três obras citadas, principalmente no que diz respeito ao isolamento. A interrupção foi uma pausa? O que se observou nesse momento? Quais as imagens recorrentes inseridas nesse novo cotidiano? Com quais materiais posso trabalhar?

Com esse debate, proponha aos alunos que tentem responder a estes questionamentos com um trabalho de criação artística. Cada um é livre para apresentar o resultado que lhe for mais adequado, desde que traga à tona as imagens recorrentes e/ou os materiais disponíveis, podendo ser em forma de texto, fotografia, desenho, pintura, colagem, escultura, etc. O resultado desta reflexão pode ser compartilhado com os demais estudantes.

Questão II

As palavras podem nos mover?

O que vem antes, a palavra ou o gesto?

Atividade

O poder das palavras e dos gestos



(Francisco Mallmann, “A memória é uma ação política”, Bordado em tecido – instalação, 2019; “Sueña fuerte”, Bordado em tecido – instalação, 2021, “A palavra é um gesto coletivo”, Bordado em tecido – instalação, 2019)

A partir da obra de Francisco Mallmann que traz as frases “A memória é uma ação política”, “Sueña Fuerte” e “A palavra é um gesto coletivo” proponha aos alunos, em grupos ou individualmente, que criem uma encenação ou cena de improviso.

Peça para que cada estudante ou grupo escolha uma ou mais frases pertencentes à obra para criar as cenas. As cenas devem ter uma duração máxima de 10 minutos, e após todas as apresentações, a turma deve comentar o que apreenderam de cada cena. Os colegas podem tentar adivinhar quais foram as frases escolhidas ou podem dizê-las ao fim das apresentações. Educador, pergunte o porquê da escolha das frases e como chegaram ao resultado final.

As cenas podem ser construídas com diálogos e podem seguir as áreas de teatro ou dança. Deve ser dado à turma um período de oito a 12 minutos para organizarem as cenas. Acompanhamento musical é opcional (devendo ser uma escolha dos grupos ou aluno).

Sueña Fuerte: soa alto

Encenação: arte e efeito de pôr em cena

Cena de improvisação: algo que se realiza ou inventa de repente sem qualquer preparação anterior

Questão III

Como estamos desenhando, modificando e vivendo o nosso ambiente?

Atividade

Em “Enquanto tudo queima”, Ana Rocha e Ué Prazeres apontam para a irreversibilidade dos danos ambientais causados ao planeta, na medida em que a intervenção humana no planeta esteve – e está – apegada a uma ideia fixa de paisagem na Terra.

Em “Terras arrasadas”, Isabelle Catucci monta uma instalação que busca ativar nossa percepção cósmica, ao mesmo tempo em que questiona o modo em que ocupamos e mensuramos o espaço. O título do trabalho apresenta uma possível leitura da visão ficcional de vários planetas Terras “utilizados” sobre um tapete cartográfico de carvão vegetal, o elemento base do “consumo” da vida. Enquanto produto obtido por meio da carbonização da biomassa proveniente da madeira, o carvão vegetal é transformado pelo fogo, a principal energia de ativação da história humana, processo que envolve o conceito da entropia, isto é, daquilo que não pode ser reconicionado depois de transformado. Ela chama atenção para os avanços de terras arrasadas, de sertões e de áreas alagadas, num exercício constante de extração de energia da superfície terrestre. No Dia da Terra, a Global Footprint Network – GFN divulgou que em 2030 precisaremos de dois planetas para suprir as necessidades atuais. Cada vez mais, os alertas ambientais nos informam da sobrecarga do consumo e da escassez de recursos naturais, e preocupam-nos o desaparecimento de espécies, paisagens e ecossistemas.

Relacionando a interação humana e o conceito de ambiente, podemos pensar em Tim Ingold que, em “Estar Vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição” (cap. “A forma da Terra” p.157-178), discute a proposição de desenhar a Terra, analisando a visão de mundo de crianças em diálogo com as discussões que transitam entre filosofia, percepção e ciência.

“(…) Assim como a criança desenha o céu, o chão e o planeta, assim também o rio desenha o vale, o arado o campo, o navio o oceano e o agrimensor o mapa. Toda a vez que desenhemos a Terra – seja qual for a maneira como o façamos –, adicionamos uma nova linha à mistura. Em suma, o desenho molda o mundo em que vivemos, ao mesmo tempo em que molda a nossa própria humanidade.”
(Ingold, 2017, p.178)

A partir dessas reflexões, proponha aos alunos um debate.

Questione: como estamos desenhando, modificando e vivendo o nosso ambiente?



(Isabelle Catucci, "Terrasarrasadas", Instalação, 2019)

Entropia: medida que, num sistema termodinâmico, determina o grau de desordem, pela ação de uma temperatura; representada por "S". Gelo derretendo é um exemplo comum de aumento da entropia.

Sobre as fabulações, os limites e a imaginação de mundos

por Isabelle Catucci

Materiais: pano preto e barbante

- a) Escolhemos uma grande superfície preta – pode ser como um pano ou um papel – e a apoiamos no chão.
- b) Observamos o limite da superfície preta e imaginamos um universo comum.
- c) Olhamos o nosso entorno e em nós mesmos e selecionamos coisas que gostaríamos de colocar nesse universo (pode ser um lápis, um tênis, uma folha de árvore, um grão de sujeira, um chaveiro etc.) A escolha pode ser repentina, sem premeditações.
- d) Para cada objeto, produzimos uma série de anotações em papéis pequenos. Damo-lhes um nome (convencional ou fictício), procuramos saber sua idade, elencamos suas características materiais (frio, rugoso, áspero, pequeno, redondo etc.).

- e) Dispomos os objetos sobre o plano preto de modo aleatório e observamos a proximidade entre eles, as diferenças e as semelhanças a partir de nossas anotações.
- f) Depois de posicionados no plano, ligamos os dois objetos mais semelhantes com um fio de barbante, marcando uma linha no plano.
- g) A partir dessa linha, inventamos histórias sobre o trajeto. Imaginamos que habitávamos um mundo e vamos visitar outro mundo. Observamos a linha de trajeto e começamos a descrever como é o caminho de viagem entre uma coisa e a outra. Ao sair do mundo do tênis, por exemplo, onde tudo era branco, flexível, bem amarrado e novo, para o mundo da folha de árvore, onde havia formigas, seiva e temporalidade, o que mudou? Falamos sobre os mundos, as semelhanças e diferenças enquanto nos preparamos para a viagem.
- h) A viagem é uma tarefa árdua que exige adaptações, é preciso fazer as malas, paradas e se organizar para chegar a um novo lugar. Mas o habitante do mundo do tênis poderia ser um habitante do mundo da folha? O que ele deve levar na mala? Como ele se sustentará no outro mundo? Tentamos responder às nossas questões percebendo a importância dos ecossistemas, dos lugares de pertencimentos, das concessões, dos recursos e das necessidades vitais de cada um dos mundos.
- g) No final, levantamos e modificamos levemente uma das bordas do pano preto ou do papel e tentamos perceber como as relações entre as coisas também são modificadas, assim como suas trajetórias. Neste movimento, todas as relações são reorganizadas, o que estava próximo ficou mais longe, e vice-versa. Tentamos refazer o mesmo caminho de viagem, e procuramos perceber as modificações da trajetória. Houve uma outra coisa que atrapalhou o trajeto? Como esse outro mundo interferiu no caminho escolhido? O caminho ficou mais longe ou encurtou? Será que essas novas relações modificam o modo de estar em cada um destes mundos?
- h) Finalizamos fazendo o trajeto de volta para o mundo do tênis (por exemplo) e escrevemos uma carta para relatar a nossa aventura. Na carta, procuramos lembrar das nossas dificuldades durante o trajeto, daquilo que mais sentíamos saudade em nosso mundo, do que mudou com o movimento do pano e das coisas que gostaríamos de preservar ao voltar para casa.

Artistas Sala Adalice Araújo

Luciano Zanette

Esteio, Rio Grande do Sul, 1973
Vive e trabalha em São Paulo, SP.



Hábitos insuficientes, 2006

Madeira e laca

Sobre seu trabalho:

“‘Hábitos Insuficientes’ (2006) é parte de uma série denominada ‘Mobiliário Melancólico’ onde, entre outros aspectos poderiam ser citadas as noções de melancolia ligada ao fazer artístico, hábitos, posturas, móveis ligados a estados corporais e mentais vinculados à concentração, ao isolamento e à reflexão. Desde o final dos anos noventa tenho trabalhado com mais atenção sobre a modificação, construção e cruzamento de objetos de mobiliário que atribuo a questões vindas de condicionamentos e memórias físicas, alusões a ações e posturas corporais automáticas e subordinações mentais, tais como o cansaço, a culpa, o luto, a percepção da finitude, o dever, o desejo e a contiguidade. Entendo que essas questões em alguma medida orientaram a produção de esculturas através da presença da escala do corpo humano. Intuo em termos de uma experiência sensível, que os trabalhos e suas relações com a escala humana disponibilizam aos corpos do público uma possível relação de natureza mnemônica, tátil, ótica e ou física; possibilitando percursos, circulações, atravessamentos, hipóteses e incertezas”.

Luciano Zanette, 2021.

Wilma Martins

Belo Horizonte, Minas Gerais, 1934
Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ.

**A mãe, 1967**

Xilogravura sobre papel 2/10

Sobre seu trabalho:

“As pessoas são ‘tomadas’ por essas imagens porque desejam-nas ou, mais do que isso, porque necessitam delas. Como de resto, a artista, que em 1967, numa de suas raras entrevistas, dizia: ‘Você me pergunta sobre o significado de minha gravura e eu não posso dizer muita coisa mais do que está gravado na madeira. Estou fazendo gravura justamente para isso. Certas coisas que sinto, pressinto, não entendo com clareza. Só fazendo, isto é, só dando a estes sentimentos ou pensamentos uma forma concreta, é que começo a conhecer’. Para Wilma, portanto, a arte é uma necessidade vital, é a forma de manter-se viva. Por isso, cada obra sua é dolorida, como o parto”.

Catálogo da exposição Wilma Martins. Galeria Arte Global. São Paulo, 1976.

Documento pertencente ao Setor de Pesquisa e Documentação do MAC Paraná.

Gilvan Samico

Recife, Pernambuco, 1928 – 2013

**O encontro, 1978**

Xilogravura sobre papel 43/100

Sobre seu trabalho:

“No meu trabalho, uma estrela é uma estrela. Ela é feita rigorosamente. O desenho pode ser executado com ajuda de régua, compasso etc. Porém, para gravar, eu o faço à mão livre. Para fazer uma circunferência, você pode simplesmente deixá-la achatada de um lado. É a sua maneira de fazer geometria livre, sensível, como dizem... Eu não; faço no compasso, porque na minha gravura ela tem que ser perfeita. Se houver qualquer coisa troncha, vai aparecer, porque o todo pede que cada elemento seja muito bem colocado, pensado e executado. Eu só faço uma gravura por ano, é verdade. (...) Há uma espécie de enxugamento progressivo no meu trabalho. Eu nunca sou excessivo, nunca. Quer dizer, nunca entre aspas, porque tem gravura que eu posso lhe mostrar que tem coisas de dez passarinhos, uma cobra, dois peixes... Mas é o excessivo necessário daquela gravura. Outras são mais enxutas, mais secas: dois, três elementos mais importantes, e, no entorno dela, um número pequeno de coisas, que, naturalmente, têm sua importância também”.

Trecho de depoimento de Gilvan Samico a Cristiano Santiago Ramos e Marcos Polo, em setembro de 2001. In: Museu Oscar Niemeyer. Samico: do desenho à gravura. Curitiba, 2005. Documento pertencente ao Setor de Pesquisa e Documentação do MAC Paraná.

Wilson Alves

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1948

Vive e trabalha em Estrela, RS.

**Reflexões sobre a América Latina, 1977**

Acrílica sobre tela

Sobre seu trabalho:

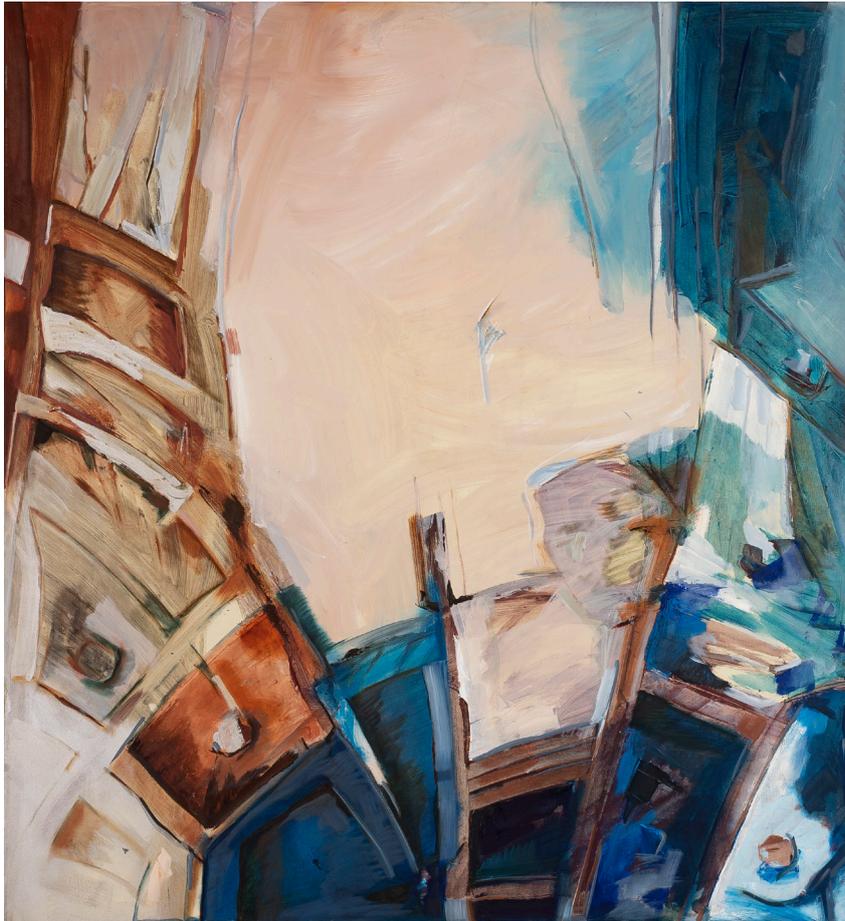
“Comentando sobre seu processo criador, Wilson lembra de uma experiência feita há anos, com outros artistas. Eles passaram uns dias em uma fazenda de uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul para observar a paisagem. Da imagem de uma ovelha carneada, Wilson praticamente partiu para o estudo da série realizada no ano de 1977 em Porto Alegre, intitulada ‘Reflexões sobre a América Latina’”.

Correio do Povo. Artista questiona a realidade em obra de grande comunicação.
Rio Grande do Sul, 1982. Documento pertencente ao Setor de Pesquisa e Documentação do MAC Paraná.

Estela Sandrini

Curitiba, Paraná, 1944

Vive e trabalha em Curitiba, PR.

**Temores e esperanças, 1997**

Óleo sobre tela

Sobre seu trabalho:

“A obra ‘Temores e Esperanças’, de 1997, foi produzida logo após a minha perda da visão. Nela, há os resquícios de minha trajetória, como partes de cadeiras, gavetas e pequenos objetos do cotidiano, símbolos dos cenários em torno da mulher, mãe, esposa e profissional, papéis que eu vinha desempenhando há muito tempo. Tudo está desordenado mas bem acomodado em tons de marrom (da materialidade) e de azul (da espiritualidade). E tudo se alonga para o infinito, em busca da plenitude, para esse vácuo incolor situado no centro da tela. Ali é o meu “ponto de mutação”, que, no físico, representava a mancha branca que passaria a acompanhar minha visão, intrometendo-se à minha frente para onde quer que eu olhasse. Num plano superior, entretanto, a mancha simbolizava desafios e superações do porvir”.

Teca Sandrini, 2021.

Guita Soifer

Curitiba, Paraná, 1935

Vive e trabalha em Curitiba, PR.



Tempos transversos I, 2008

Têxtil oxidação

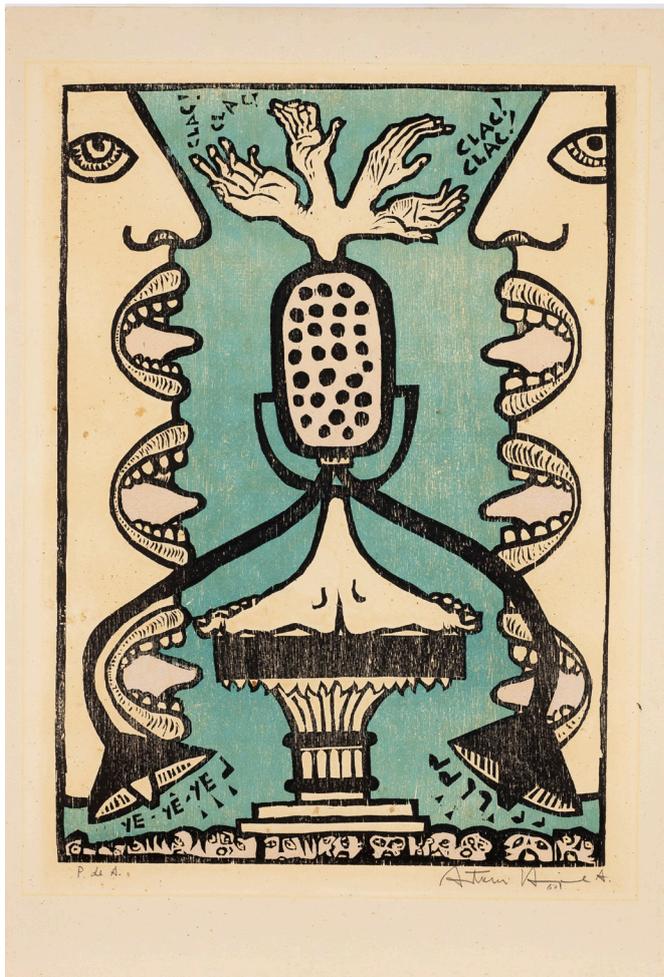
Sobre seu trabalho:

“O tempo sempre foi a matéria de Guita Soifer. O tempo da vida que também é o tempo da morte; o tempo que subjuga indistintamente todos os seres e as coisas, mas que também se encarna no modo como os seres e coisas se subjulgam mutuamente. (...) O que essas obras insistem em nos alertar é que o tempo não existe per se. Existe nas coisas. E como são infinitas as coisas, infinitas são as modalidades de tempo que as habitam. O denominador comum a todos eles é que aquilo que eles destravam em cada matéria e objeto é um impulso que os levará ao confronto e modificação, a alteração de sua feição e essências originais rumo à transformação”.

Agnaldo Farias. Tempos Transversos. Disponível em: <https://guitasoifer.com.br/textos-criticos/tempos-transversos/>. Acesso em: 26 de Outubro de 2021.

Antonio Henrique Amaral

São Paulo, São Paulo, 1935 – 2015

**O idolatrado, 1967**

Xilogravura sobre papel

Sobre seu trabalho:

“Em entrevista concedida em 1986, que integra o catálogo da mostra ‘Antonio Henrique Amaral – Obra sobre papel 30 anos’, o artista declara que ‘O álbum O Meu e o Seu’ significou a cor na gravura e também o passo que eu consegui dar, de viver de arte. Foi meu ato de amor coma arte, virou a minha vida, depois de estar sete anos trabalhando em publicidade e relações públicas. Depois desse álbum eu já estava fazendo pintura”.

Catálogo “Antonio Henrique Amaral – Obra sobre papel 30 anos”. Campinas: Museu de Arte Contemporânea, 1986. Documento pertencente ao Setor de Pesquisa e Documentação do MAC Paraná.

Orlando Azevedo

Angra do Heroísmo, Açores, Portugal, 1949

Vive e trabalha em Curitiba, PR.

**Memória de algodão, 2006**

Fotografia

Sobre seu trabalho:

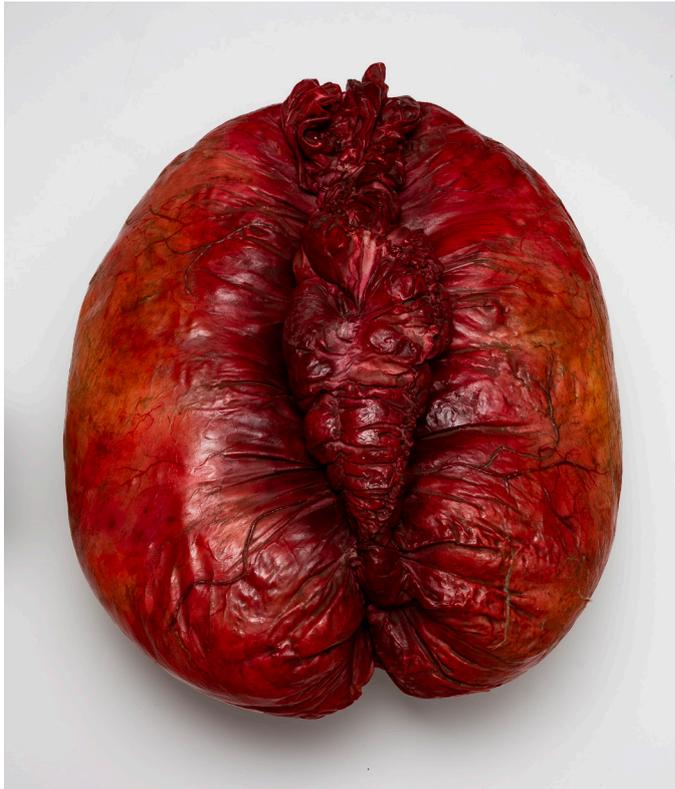
“Azevedo é uma espécie de viajante que traça o percurso, mas não sabe onde e quando parar, pois prefere ser fisgado pelo tema, pela situação visual que o convida à contemplação. (...) Na expedição Coração do Paraná, a essência do trabalho é uma surpreendente documentação que mobiliza o olhar do leitor que descobre um conjunto de fotografias de estranheza delicada: ora poético e abstrato, ora figurativo e documental. Azevedo constrói sua narrativa visual a partir de vários fragmentos fotográficos, que somados revelam a sua verdadeira intenção. Nada de artifícios, tudo parece perfeitamente justificado. O conjunto das imagens implica em síntese harmoniosa, inspirada pela ideia da busca de um registro que explicita suas escolhas e preferências. Um longo percurso que possibilitou uma incrível e variada produção de imagens que espelham os confrontos, as diferenças, as tensões entre o realismo documental e as formas dinâmicas criadas pela natureza”.

Rubens Fernandes Júnior. Catálogo da exposição Coração do Paraná. Museu Oscar Niemeyer, 2006. Documento pertencente ao Setor de Pesquisa e Documentação do MAC Paraná.

Márcia Parahyba

Recife, Pernambuco, 1948

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ.

**A volta às entranhas nº 1, 1978**

Resina, estopa e pigmento

Sobre seu trabalho:

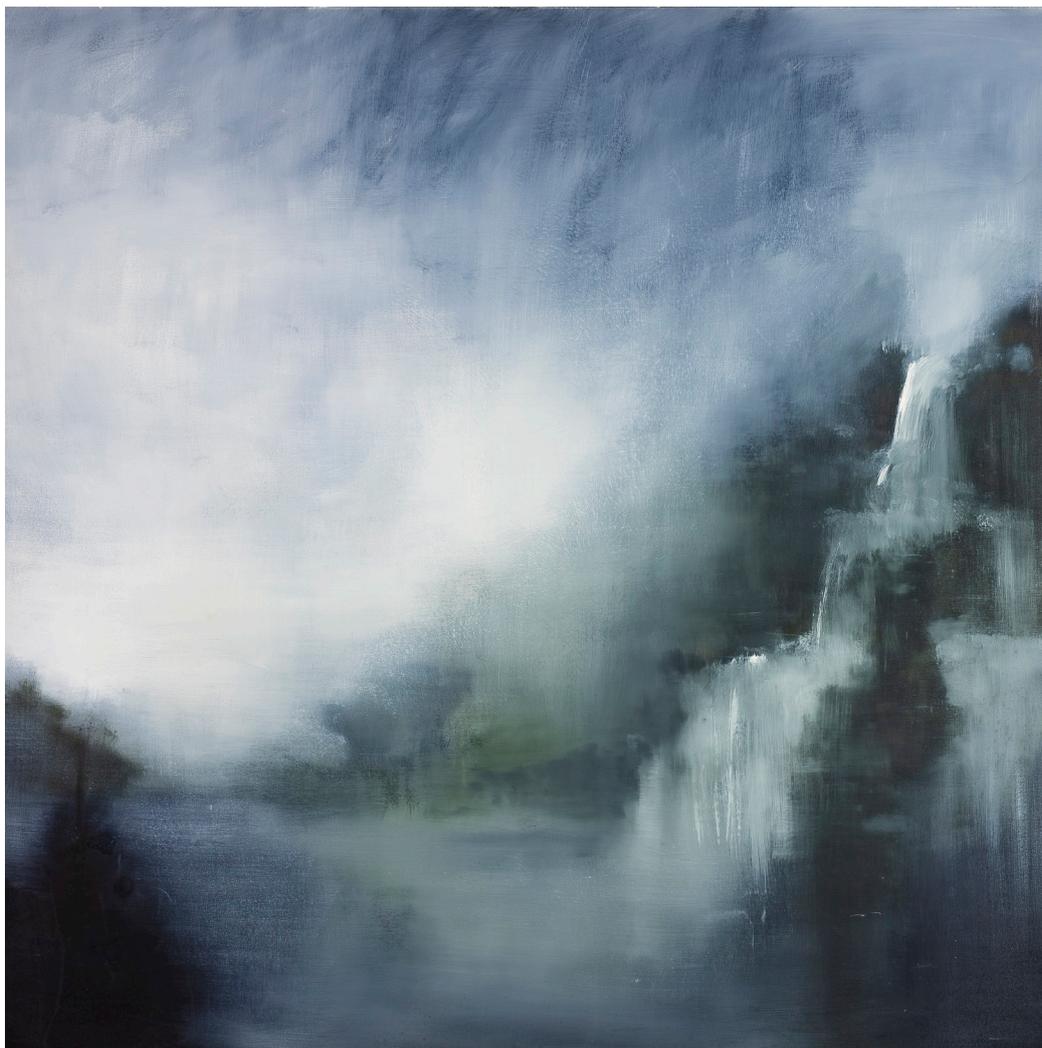
“As ‘frutas’ construídas por Marcia são fruto de uma introspecção profunda. As incisões cirúrgicas, de forte cunho erótico, transmitem um sentido de abertura do desvendar e do descobrir o âmago do ser. Não é, como pode parecer, um ato de agressão, mas um ato de amor, de vida pulsante. Parece que a carne está viva e que a qualquer momento pode começar a pulsar e respirar. Marcia trabalha com espuma de plástico e a reveste com um tecido de cetim, que posteriormente é pintado e envernizado com PVA. Sua técnica se desenvolveu durante um longo trabalho de três anos. Inúmeras pesquisas, frustrações técnicas e conclusões acertadas, conferem ao trabalho de Marcia Parahyba um forte teor de seriedade e respeito diante da arte e da vida”.

Bruno Tausz. Catálogo da exposição Marcia Sobral Parahyba – desenhos e objeto. Centro de Pesquisa de Arte. Rio de Janeiro, 1980. Documento pertencente ao Setor de Pesquisa e Documentação do MAC Paraná.

Jacqueline Adam

Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1960

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ.



Sem título, 1995

Óleo sobre tela

Sobre seu trabalho:

“A figuração faz parte do meu universo como pintora, na busca do estudo da luz e sombra, claro e escuro. Minhas paisagens figurativas não têm nenhum vínculo com a realidade ali representada. Durante o pintar vou norteando onde quero chegar, sempre atenta à minha busca, luz e sombra, a paisagem é o mote, ela proporciona o espaço pictórico ideal para explorar essas questões. Não sendo uma pintura de leitura imediata, deixo ao espectador a possibilidade de interpretação, onde os olhos podem viajar e observar a fatura do trabalho”. Jacqueline Adam, 2021.

Atividades

Questão IV

Desde quando a casa queima?

O que aconteceu no ano de 1492?

O que é decolonialidade?

Atividade

Em seu artigo “Quando a casa está queimando”, Giorgio Agamben questiona: “desde quando a casa queima?”

Retomando a curadoria da exposição “Enquanto tudo queima”, ao abordarem a definição científica do antropoceno e um apego a uma ideia de mundo que separa a humanidade da natureza, Ana Rocha e Ué Prazeres colocam como resposta à pergunta de Agamben o ano de 1492, o ano da chegada dos europeus às Américas, como ponto de inflexão: “o exato momento em que se começa a botar fogo mundo adentro”.

Da exposição, observe com os estudantes duas obras que abordam o tema da colonização. Em “Colombo – 500 anos de enganos”, Hélio Leites reflete sobre a conquista de Cristóvão Colombo, alegando que basta olharmos “algumas das janelas de nosso conturbado cotidiano o verdadeiro desastre que foi a invasão da América, em especial para as populações originárias”. Hélio Leites, 2021



(Hélio Leites, “Colombo – 500 anos de enganos”, Caixa de madeira contendo objetos, vidro e tinta, 1994)

Ao observarem também a obra de Wilson Alves, “Reflexões sobre a América Latina”, instigue uma reflexão e um debate com os estudantes.

Questione: vocês refletem sobre a América Latina?
Quais as percepções que têm da colonização?
O que sabem sobre a decolonialidade?



(Wilson Alves, “Reflexões sobre a América Latina”, Acrílica sobre tela, 1977)

Peça para cada estudante fazer uma colagem com imagens de revistas, livros, jornais etc, que reflita suas reflexões e percepções a partir do debate e das obras de Hélio Leites e Wilson Alves, juntamente com os conhecimentos prévios que podem ou não ter sobre o assunto. Depois, cada estudante pode apresentar para turma seu resultado.

Antropoceno: período relativo à época mais recente da Terra, a era Cenozoica, caracterizado pelos efeitos do impacto da atividade humana nos ecossistemas do planeta Terra, tais como as alterações climáticas.

Decolonialidade: a decolonialidade ou o pensamento decolonial é uma escola de pensamento utilizada essencialmente pelo movimento latino-americano emergente que tem como objetivo libertar a produção de conhecimento da episteme eurocêntrica, criticando a suposta universalidade atribuída ao conhecimento ocidental e o predomínio da cultura ocidental.

Link para o artigo de Giorgio Agamben:

<https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/604498-quando-a-casa-esta-queimando-artigo-de-georgio-agamben>

Ocupe o MAC Paraná

Para sua turma

Marque uma visita mediada conosco, através do email ou telefone.

educativomac@secc.pr.gov.br

(41) 3323 5265

Ingressos: R\$ 20 e R\$ 10 (meia – estudantes)

Instituições públicas de ensino têm isenção do valor do ingresso mediante agendamento com o Setor Educativo do MAC Paraná.

Quartas-feiras são gratuitas para o público em geral.

Realizamos visitas mediadas com agendamento prévio.

Para sua formação

O MAC Paraná realiza parceria com a Rede Municipal de Ensino (RME) de Curitiba, a Permanência em Artes, que acontece a cada dois meses na última quarta-feira do mês. As formações acontecem em dois períodos e são abertas à comunidade.

Fique atento em nossa programação nas redes sociais do MAC Paraná.

Siga o MAC Paraná

Site: mac.pr.gov.br

Instagram: @mac_parana

Facebook: @macparana

Ficha técnica

Realização

Museu de Arte Contemporânea do Paraná

Direção

Ana Rocha

Pesquisa e redação

Lucia Venturin de Matos

Marina Raimundini

Giovanni Amaral Cosenza

Isabelle Catucci

Fotografias

Kraw Penas

Revisão

Alessandro Manoel

Design Gráfico

Gabriel Pogere

Exposição

Enquanto Tudo Queima

02/12/2021 até 03/04/2022

